

# Os marxistas e o meio ambiente

\* Guillermo Foladori

John Bellamy Foster. 2000. *Marx's Ecology. Materialism and Nature*. Nova York, Monthly Review Press, 2000.

Nas últimas três décadas do século XX houve uma tomada de consciência, a nível mundial, sobre a gravidade dos desequilíbrios ambientais. Mas isso não significou um único enfoque, pelo contrário, surgiu um leque de posições às vezes muito divergentes. Ecologistas radicais, ecologistas moderados, neomalthusianos, ambientalistas etc. refletiam uma forma diferente de ver a relação entre a sociedade e a natureza. Porém, a maioria deles concordava que o marxismo tinha uma abordagem produtivista, semelhante à dos cornucopianos (defensores de uma abundância e progresso ilimitado) alheia às necessidades de uma relação mais harmônica com a natureza. Inclusive, dentro das fileiras marxistas surgiu um eco-marxismo, compartilhando a dita perspectiva e promovendo um enverdecimento teórico do materialismo histórico: caso de Benton (1996) que compartilha com os ecologistas das críticas ao marxismo, e também de O'Connor (1998) que defende o marxismo frente aos ecologistas, mas um marxismo em que a parte verde não é de Marx, mas do próprio O'Connor que disse complementar e melhorar.

Os poucos escritos em defesa do marxismo haviam sido extemporâneos, como o livro de Schmidt *O conceito de natureza em Marx*, publicado em 1961, em uma linguagem dialética e com uma orientação filosófica, mas sem relação com a consciência sobre a crise ambiental que se desencadeou no final da

década; ou, então, haviam sido recompilações de citações, como o livro de Parsons, *Marx and Engels on Ecology* (1977), publicado precisamente no meio das controvérsias, mas no qual a parte do autor constitui uma apresentação das posteriores citações e não uma análise aprofundada da lógica interna do pensamento marxista. Mais recentemente, em 1991 apareceu o livro de Grundmann, *Marxism and Ecology*, seguindo a tradição da escola de Frankfurt e do anterior livro de Schmidt. O trabalho de Grundmann constitui-se em uma leitura humanista dos textos de Marx, e dá grande ênfase à tecnologia, uma das questões centrais na discussão ambiental. Porém, não foi suficientemente discutido nos meios ecologistas e ambientalistas.

No final do século, em 1999, foram publicados nos EUA dois livros complementares sobre a Natureza e Marx (um de Foster – a versão encadernada deste livro saiu em 1999 – e outro de Burkett), ambos escritos por destacados marxistas e, embora de diferentes perspectivas, constituem-se em análises aprofundadas da lógica interna do pensamento marxista em relação ao meio ambiente. Ambos concluem numa visão radicalmente diferente do que os ecologistas e ambientalistas vinham dizendo sobre o Marx verde. Em lugar de um Marx produtivista e cego ao desenvolvimento das forças produtivas, surge um Marx atento às consequências negativas para o ambiente e

---

\* Professor visitante da Universidade Federal do Paraná

à sociedade em sua totalidade. Em lugar de um Marx preocupado exclusivamente com a dinâmica social, surge um Marx que parte da co-evolução entre a sociedade e a natureza. Em lugar de um Marx que não teria nada a dizer sobre a crise ambiental contemporânea, surge um Marx que poderia oferecer, com o método do materialismo histórico, uma alternativa à análise da crise ambiental.

Os livros de Burkett e de Foster se complementam. O de Foster parte de uma perspectiva histórico-filosófica do pensamento marxista em relação ao ambiente. O de Burkett parte da estrutura econômica de funcionamento do capitalismo, exposta basicamente em *O Capital*. Ambos são obras eruditas, que demandam um estudo detido para que delas se tire o máximo proveito.

Foster localiza o pensamento de Marx dentro da tradição materialista e dialética que pode ser rastreada até Epicuro. Enquanto hoje em dia os ambientalistas e ecologistas estão buscando um método para relacionar as ciências físico-naturais e as ciências sociais, Marx tinha consciência da necessidade de seu materialismo pertencer ao “processo da história natural” e, segundo o filósofo Bhaskar, “a tese de que há uma unidade metodológica essencial entre as ciências sociais e as naturais”. A base dessa unidade está naquilo que Marx chama de metabolismo social, o processo social de transformação da natureza através do qual a própria sociedade humana se transforma.

Enquanto uma das principais críticas dos ecologistas a Marx é a da sua falta de interesse pelas questões ecológicas, Foster mostra, com dados biográficos, o permanente interesse de Marx pelos

avanços da ciência: assistindo a conferências e lendo o que podia a respeito. Mas, longe de ficar no relato histórico-biográfico, Foster mostra que os conhecimentos de química e agronomia foram decisivos para o desenvolvimento de sua teoria da renda do solo, em oposição à de David Ricardo, assim como as leituras de Darwin e dos antropólogos foram também fundamentais na sua teoria da evolução das sociedades e das possibilidades de superação do capitalismo. Ainda mais fundamental é a própria análise do trabalho – este, ponto de partida do distanciamento físico-natural do homem frente aos outros animais –, e de suas formas como essencial para a explicação da dinâmica social. Assim, o processo de metabolismo social é, a um tempo, um processo de co-evolução entre o mundo físico-natural e as relações sociais humanas.

Longe de uma visão prometeica e produtivista, da qual também é acusado hoje em dia, Marx elabora toda a sua teoria do materialismo histórico a partir da forma como a sociedade humana se distancia da natureza externa que constitui sua base de existência. Nas palavras de Marx:

Lo que necesita explicación, no és resultado de un proceso histórico, no és la unidad del hombre viviente y actuante, con las condiciones inorgánicas, naturales, de su metabolismo con la naturaleza, y por tanto, su apropiación de la naturaleza, sino *la separación entre estas condiciones inorgánicas de la existencia humana y esta existencia activa*, una separación que por primera vez és puesta plenamente en relación entre trabajo asalariado y capital (Marx, 1971. p. 67).

Marx não atribui valor à natureza, dizem os críticos de hoje. Mas, segundo

Foster, Marx sempre reiterou que são as próprias relações capitalistas aquelas que privam a natureza do valor específico, e a convertem em mercadoria com preço; por exemplo, quando escreve:

*Money...has therefore deprived the entire*

*world — both the world of man and of nature — of its specific value.*

Com os livros de Burkett e de Foster, o pensamento marxista sobre o meio ambiente começará o século XXI com uma força difícil de se contrapor.

## A destruição da Iugoslávia

\* João Quartim de Moraes

Emil Vlajki,

*The new totalitarian society and the destruction of Yugoslavia*, Ottawa, Legas, 1999.

*Demonization of Serbs*, Ottawa, Revolt, 2001.

“O sonho dos dirigentes totalitários tornou-se realidade. A partir de agora, e tendo por agentes aqueles que dominam o mundo com uma tecnologia altamente sofisticada, é possível (sem qualquer risco e custo humano) atacar, destruir e, finalmente, derrotar um determinado país simplesmente por ataque aéreo. [...] Sem qualquer força que possa se opor à Comunidade Internacional, que compreende e lidera 15% da população mundial, acabou por transformar-se num vampiro capaz de matar dia e noite sem a mínima possibilidade de ser contido. Quase todo dia surgem novos resultados mortais desta política nos “países não-racionais”: Ruanda, Bósnia, Turquia (contra os curdos), Sudão, Chechenia, Timor-Leste, Salvador, Guatemala, Iraque, Iugoslávia (incluído Kosovo). Nesse contexto, as Nações Unidas são um corpo morto [...]. Após milhares de anos de desenvolvimento de uma racionalidade que aparentemente objetivava um mundo unificado baseado nos direitos humanos fundamentais, a modernidade tornou-se tema de alguns pou-

cos que exercem a dominação mundial sem escrúpulos e com uma força brutal. A Idade da Pedra reaparece em sua versão mais sofisticada”.

Assim se abre, na tradução de Newton Ramos de Oliveira, uma versão sintética de *The new totalitarian society*, livro publicado em 1999 por Emil Vlajki, croata por parte de pai e judeu por parte de mãe, mas sobretudo um internacionalista no melhor sentido do termo: não um cosmopolita “globalizado”, mas um amigo da humanidade em sua concretude, principalmente dos povos oprimidos, destroçados pelo novo tipo de holocausto cuja eficiência foi experimentalmente comprovada no Iraque e na Sérvia. A análise que então ofereceu põe em evidência o indecentemente hipócrita e covarde massacre balístico promovido, em nome dos “direitos humanos”, pelos valentões do Pentágono e seus cães de guarda da OTAN. “Não há registro na história mundial deste tipo de cinismo que, em nossa época, ocorre na Iugoslávia.” Depois dos sérvios na Croácia e dos muçulmanos da Bósnia, as vítimas ago-

---

\* Professor do Departamento de Filosofia da Unicamp

FOLADORI, Guillermo. Os marxistas e o meio ambiente. Resenha de: FOSTER, John Bellamy. Marx's Ecology. Materialism and Nature. Nova York: Monthly Review Press, 2000. *Crítica Marxista*, São Paulo, Boitempo, v.1, n. 13, 2001, p. 175-177.

***Palavras-chave:*** Questão ambiental; Marxismo; Ecologistas.